A TRANSPOSIÇÃO DAS ÁGUAS DO SÃO FRANCISCO: IMPLICAÇÕES IDENTITÁRIAS, ESTÉTICAS E TERRITORIAIS, NA CONEXÃO BRASÍLIA/CURITIBA.

Tânia Bittencourt Bloomfield
Doutoranda em Geografia, UFPR.

RESUMO:

Como um espaço, mesmo invisível ou desconhecido, se transforma em lugar? E, sendo assim, como o lugar pode oferecer elementos para ser entendido como parte integrante de diferentes territorialidades e identidades? A partir de uma abordagem geográfica, o presente artigo se configura como um fragmento de um trabalho maior de poética visual, inscrito no âmbito de um projeto de interação em curso, que relaciona os lugares de nascimento e de residência de duas artistas e pesquisadoras, a saber, Brasília e Curitiba.

Palavras-chave: Geografia cultural, Artes Visuais, Projeto de interação, identidade, territorialidade.

ABSTRACT:

How does a space, albeit invisible or unknown, become a place? And thus, how can a place offer elements to be understood as an integral part of different territorialities and identities? From a geographical perspective, the present article is a fragment of a larger visual poetic work, within an ongoing interaction project, which correlates the places of birth and residence of two artists and researchers, Brasília and Curitiba.

***Keywords**: Cultural geography, visual arts, interaction project, identity, territoriality.*

Processos de identificação e de territorialidade

Em um dia qualquer, entre os anos de 1998 ou 1999, levei os alunos do curso de Educação Artística da Universidade Federal do Paraná – UFPR, para uma aula de campo, em um museu da cidade de Curitiba, PR. Lá, em meio a uma explanação sobre os trabalhos de uma exposição de artes visuais, fui interrompida por uma aluna, que me dirigiu a seguinte pergunta: "Você não é daqui, né? Aqui, a gente não fala 'luixxx'. A gente fala 'luz'". Até aquele momento, eu ainda não havia sentido, de forma tão contundente, que não me encaixava perfeitamente ao lugar. Não havia percebido o quanto a influência da mistura entre migrantes nordestinos, cariocas e mineiros poderia ter marcado a identidade de alguém que, como eu, havia nascido em Brasília, DF, em meio à vastidão e à inclemência do cerrado goiano.

Aquela aluna, em uma importante contribuição, me fez ver que, entre *eu* e *eles*, havia diferença e que, sendo assim, eu deveria incursionar por seu território com mais cuidado. Até aquele momento eu - que descendo de imigrantes italianos, franceses e poloneses; cuja família paterna é majoritariamente paranaense, sobretudo, curitibana; cuja família materna é oriunda do Estado de Santa Catarina; que passava quase todas as minhas férias escolares em Curitiba; que me achava apta e a quem era reservado o direito de ser entendida como uma igual entre os da terra - fui levada a uma crise de identidade. Como um mero acidente geográfico foi capaz de causar esta crise e reavaliação internas?

Desde cedo, morando em Brasília, fui exposta ao convívio com a diferença e à fluidez dos relacionamentos, uma vez que a cidade não era, exatamente, um lugar de fixação para muitas pessoas que para lá foram a trabalho. Até hoje, quando me perguntam sobre meu local de nascimento, vejo nos rostos expressões de surpresa e de incredulidade: "Nossa! Eu nunca havia conhecido alguém que tivesse nascido em Brasília"! Às vezes, sou levada a pensar que Brasília é uma espécie de "não-lugar", conceito usado por Marc Augé (1994). Esta cidade parece ser um território a que identidades não devem ser relacionadas. Ainda mais, agora, após a revelação de tantos escândalos, nela sediados, em que diferentes escalas e determinados elementos das dimensões econômica, política, técnico-funcional, cultural e simbólica do território foram negativamente articulados.

As categorias identidade e território parecem perder, em algumas abordagens teóricas pós-modernas, suas antigas características essenciais, suas configurações e circunscrições precisas, em que *o que é e o que não é*, *o que está fora e o que está dentro*, não é mais tão categoricamente afirmado. Intercâmbio, fluidez, hibridação, mobilidade, intra-relação, impermanência, mestiçagem, fragmentação, ambivalência, desterritorialização, reterritorialização, multiterritorialização, agenciamento, são noções que frequentam alguns discursos contemporâneos.

No campo da Geografia, por exemplo, existem abordagens recentes sobre a relação entre território e identidade, que tentam superar o pensamento dual que polariza as características do espaço assumido territorialmente:

> Poderíamos mesmo afirmar que as concepções de território capazes de responder melhor pela realidade contemporânea devem superar os

> dualismos fundamentais: tempo-espaço, fixação-mobilidade, funcional e simbólico. Por isso propomos ver o território a partir das: 1. perspectiva que valoriza as relações e os processos: o território num sentido relacional e processual (devendo-se mesmo falar mais em processos de "territorialização" do que de território como entidade estabilizada; 2. múltiplas temporalidades e velocidades nas quais ele pode ser construído, desde os territórios com maior fixidez e estabilidade até aqueles mais móveis e flexíveis. 3. conjugação entre ou num *continuum* que se estende desde os territórios mais funcionais até aqueles com maior carga (ou poder) simbólica (o). (HAESBAERTH, 2007, p. 37-38).

Contemporaneamente, os movimentos de globalização e de mundialização da cultura, como os define Renato Ortiz (2000), vem estabelecendo uma nova ordem como, por exemplo: fazem com que processos, de vários segmentos econômicos e sociais, fiquem mais dinâmicos e velozes; abranjam novas tecnologias que levam a uma sucessiva e sistemática virtualização do modo de estar com o outro; fragilizam categorias sociais como família, escola, e categorias geopolíticas, como Estado-nação.

Relacionando o território e as territorialidades ao processo de globalização, Milton Santos defendeu a idéia de que a territorialidade individualiza e compartimentaliza os homens no espaço. Desta forma, entendeu que "o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual" (SANTOS, 2006, p. 317).

A perspectiva defendida por Haesbaerth parece ser bastante produtiva e abrangente, para a análise territorial. Baseada nas proposições de Henri Lefébvre sobre dominação e apropriação do espaço, a perspectiva integradora de território é multidimensional e multiescalar.

Haesbaerth (Op. cit., p. 38), entendendo que "toda dinâmica de construção identitária é inerentemente espacial", defende que, a partir da concepção de que se deve usar mais o conceito de territorialidades ou de processos de territorialização, do que propriamente o conceito de território - por este ter camadas semânticas e conceituais que remetem à fixidez e à estabilidade -, postula que o conceito de identidade deve ser substituído pela expressão *processos de identificação*, porque a construção das identidades se apresenta em um movimento que vai do território à identidade e vice-versa.

Em tal contexto, em que o espaço e as relações sociais estão sendo convulsionados, como se pode pensar na identidade como uma instância imutável, una e de contornos bem definidos?

A crise das identidades, no mundo contemporâneo, pode ser compreendida a partir das concepções de Stuart Hall que entende a realidade social imersa em condição de pós-modernidade, como um mar de culturas em interação e conflito. Esta situação repercute de forma diferente nos indivíduos, mas parece haver um traço comum: a multiplicidade de identidades em uma mesma pessoa.

> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurradas em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". [...] Ao invés disso, a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2004, p. 13).

A idéia de fragmentação ou pluralidade da identidade de um indivíduo pode ser colocada ao lado das discussões, especialmente, de algumas correntes do campo da Lingüística, a partir dos anos de 1960, sobre a realidade heteroglótica, polissêmica e dialógica que compõe o meio social.

Mas, ao mesmo tempo em que há processos de hibridação e abertura das identidades e esmaecimento das fronteiras territoriais, também há a tendência de, em alguns lugares e em meio a alguns grupos sociais, se movimentar em busca da essencializão dos dois processos em discussão.

> Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer "natural", predeterminada e inegociável, a "identificação" se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um "nós" a que possam pedir acesso. (BAUMAN, 2005, p. 30).

E, identificando as virtudes e vicissitudes de se alcançar um ou outro pólo da identidade e da territorialidade, a saber, fluidez x fixidez, Bauman diz:

> O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, "nem-um-nem-outro", torna-se, a longo prazo, uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado,

> uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, "estar fixo" – ser "identificado" de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, Op. cit., p. 35).

Talvez, este seja o maior desafio que a contemporaneidade impõe às sociedades e aos indivíduos: a construção de identidade que, ao mesmo tempo, esteja aberta o suficiente para expandir a espacialidade e o sentido de geograficidade dos grupos e indivíduos – com a garantia da permuta, da incorporação do outro, da concessão à diferença -, mas que guarde suas especificidades.

A experiência estética no espaço urbano

Desde as perspectivas de Baudelaire, de Georg Simmel, de Walter Benjamin, de Henri Lefébvre, e de Giulio Argan, sobre as relações espaciais, territoriais e identitárias, por exemplo, pode-se perceber como a experiência estética proporcionada pelo espaço urbano, assumiu as questões mais relevantes da modernidade. A construção da identidade e da (re, des, multi) territorialização, como processos sociais, passam, necessariamente, pelas relações materiais espacializadas. Exerce-se a territorialidade, em determinados espaços crivados de signos, objetos, representações, significados, que possibilitam relações identitárias. Os espaços perpassados pelas territorialidades podem se apresentar como espaços-tempos de agenciamentos, compartilhados por diferentes grupos e indivíduos, em tempos variáveis.

Para o campo da Geografia e para outros campos das Ciências Sociais, parece ser importante a compreensão de que formas simbólicas manifestadas no espaço se apresentam por conta das formas de agir. Representar, se relacionar, trabalhar, fazer, criar e viver, tudo isto mostra como as *relações*, como os indivíduos interagem com a sociedade e com o mundo material em múltiplos e simultâneos processos de *semiose-mimesis*.(SAHR, 2008; 2007). Neste sentido, a articulação entre espaço e tempo, ou melhor, *espaço-tempo*, deve ser entendida por sua dupla formalização: é um produto social e um aglutinado de variáveis constitutivas dos agenciamentos. Os corpos e os incorporais - de que emergem e são inseparáveis as coisas e os intervalos, a positividade das presenças e das ausências, as esferas de expressão e de conteúdo, a semiótica dos agenciamentos - devem constituir o núcleo de uma teoria espacial social e cultural.

O "fazer" ganha um novo valor que ultrapassa a idéia do "trabalho" marxista, que se orientava ao produto. Trata-se de um fazer mais aprofundado, uma práxis da arte, onde não há distinção entre a superfície clara do consciente e a profundidade do inconsciente (ARGAN, 2005, p. 68).

Wolf-Dietrich Sahr propõe uma análise espacial que leve em conta a ocorrência de diferentes tipos de agência em interação: dos espaços do trabalhar e do consumo; dos espaços do fazer; dos espaços do agir. (SAHR, 2008, p. 50-51).

Os espaços do trabalhar e do consumo, em geral, são frutos da racionalização técnica homogeneizadora, próprios da sociedade industrial. "Neles, os humanos territorializam-se através de rotinas, muitas vezes com ações subconscientemente internalizadas, que formam corpos e subjetividades". (SAHR, 2008, p. 50). Trata-se de espaços institucionalizados, em que a possibilidade de auto-expressão e criação dos indivíduos é reduzida por suas determinações e coerções.

Os espaços do fazer possibilitam uma maior individuação e formação de coletividades, sob o regime da vivência cotidiana. "Os mais importantes exemplos disso são os espaços do mundo vivido familiar, espaços étnicos e de resistência, mas também os cenários sociais, artísticos e de fantasia". (SAHR, 2008, p. 51). Nestes espaços, as atividades expressivas, rituais e simbólicas são múltiplas e não estão totalmente subjugadas aos espaços institucionalizados e hierárquicos. Aqui, a diferenciação social se manifesta mais contundentemente.

Os espaços do agir se caracterizam por seu alto grau de expressividade e criação. Neles, os indivíduos podem realizar plenamente o "habitar poético" (HEIDEGGER, 2008) em territórios de liberdade. "Trata-se dos verdadeiros *EspaçoMUNDOS*, com uma miríade de lógicas, mesológicas, afetos e atmosferas criativas". (SAHR, 2008, p. 51). Altamente instáveis e cambiantes, estes são os espaços exemplarmente instaurados pelos artistas. Neles, as *linhas de fuga*, o devir, no sentido deleuziano, têm ampla e múltipla probabilidade de ocorrência.

> Esta concepção de uma geografia social e cultural da ação nos parece possível quando abordamos a questão da "forma geográfica" de uma nova maneira. Deveríamos rejeitar o formalismo geográfico atualmente vigente, expresso tanto na abordagem do "território", como na abordagem das "redes", e ampliar a questão da forma para a questão do "agenciamento" (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 218-220), do enquadramento da ação e do movimento nas formas de convivências e dos conjuntos sociais.

> Deveríamos pesquisar, assim, os rizomas, as junções, os hibridismos, mas também as divergências e as contradições dentro da sociedade, quando aparecem como formas de expressão corporal ou significativa. (SAHR, Op. cit., p. 52).

A proposição teórica dos agenciamentos de Deleuze e Guattari se baseia fundamentalmente no desejo, "sendo o desejo sempre agenciado, e o poder, uma dimensão estratificada do agenciamento". (DELEUZE;GUATARRI, 1995, p. 98).

Assim, o agenciamento deve ser compreendido por meio de *linhas de fuga* que ele gera, quando se tenta observar corpos, ações, eventos e representações em interação, em um dado tempo, em um dado espaço. Estes, contudo, só podem ser mapeados precária ou transitoriamente pelas condições intrínsecas dessas inter-relações. Os aspectos imateriais, invisíveis ou impalpáveis, mas reais, são implicados nas relações, tornando estas relações reais e até materiais. O material e imaterial, neste sentido, devem ser vistos ambos como atributos dos corpos, a eles ligados inextricavelmente. As coordenadas envolvidas neste adensado, espaço e tempo, melhor dizendo, *espaço-tempo* não podem ser entendidas como *a prioris,* como propôs Kant, mas como aspectos constitutivos dos centros de convergência que são os agenciamentos. Entendidos desta maneira, os agenciamentos não constroem uma teleologia, uma linha evolutiva ou sucessória de fatos, mas, frontalmente, opõem-se a tal concepção de História.

Dessa forma, cada grupo ganha sua representatividade, sobre uma coerência, ou não, entre imagem - espaço vivido e real - e símbolo, no contexto urbano. Os elementos da cidade representam, neste contexto, objetos de diferentes classes que exprimem suas diferentes consciências, conforme determinadas linhas de forças históricas.

Os elementos da cidade recebem seus significados nas divergências sociais da cidade, em linguagens estéticas diferentes. O urbanismo seria uma dessas linguagens.

Argan registrou, em 1971, que os valores - estéticos, sociais etc. - na cidade, são muito variados. A função primordial do urbanismo é tomar, para si, a tarefa de fazer a cidade sobreviver às suas próprias contradições. O urbanismo moderno não pode mais procurar a coerência ou decisão sobre se a cidade deveria ser "estética" - um valor relativo para cada classe ou grupo -, ou "histórica" - um valor específico para

cada força social e política -, mas trabalhar o *topos* (ARGAN, 2005, p. 230). Neste sentido, o *topos* específico deveria ser o elemento, a unidade, a representar qualquer situação sócio-espacial. Deste ponto de vista, o *topos* seria um ponto de encontro, no duplo sentido da palavra: de um lado, a possibilidade de se entrar em contato com o outro; visto por outro prisma, um ponto da cidade a ser descoberto. Nesse *topos,* visualizam-se tanto os valores na sua forma, como na formação de diferentes forças em interação.

A transposição das águas do São Francisco, como um *topos* da conexão *BSB/CWB*

Em 2009, para mim, dois importantes eventos se relacionaram, estética e territorialmente: a descoberta do Reservatório de Águas Alto São Francisco, em Curitiba, PR, e o início do projeto de interação *BSB/CWB*, que está sendo desenvolvido por mim e pela artista visual e professora da Universidade de Goiás, UFG, Manoela Afonso.

Ao participar de um simpósio de cultura visual, em Goiânia, conheci a Manoela. Entre eu e ela, existem alguns pontos em comum: transitamos pelos mesmos campos acadêmicos, Geografia e Artes Visuais; vivemos, em alguns momentos de nossas vidas, nas cidades de Curitiba e Brasília; somos artistas visuais.

Na minha volta de Goiânia, para Curitiba, eu e a Manoela começamos a trocar *e-mails*. Em um deles, surgiu a proposta do desenvolvimento de um projeto de interação. A maior meta imaginada, naquele momento, seria a de realizar uma longa viagem, em que nos encontraríamos em algum ponto equidistante das cidades de Brasília e de Curitiba, para a execução de alguma ação. Enquanto isso não acontecesse, faríamos trocas de objetos, textos, entre outras coisas, a fim de ir preparando o caminho para a viagem.

Uma linha de ação foi sendo delineada, para o desenvolvimento do projeto: a de se ir tramando, em um processo dialógico, relações identitárias e de territorialidade com os espaços com os quais estamos implicadas, por meio de abordagens poéticas.

De minha parte, planejei apresentar à Manoela, sua cidade natal, Curitiba - a que é supostamente conhecida, a imaginada, a lembrada, a que nunca foi vista - por meio

de imagens, objetos e situações. Assim, a partir dessa relação que mistura elementos materiais e imateriais, eventos, memória, espaços, afeto e intencionalidade, farei parte da vida da Manoela, de sua identidade e do seu exercício de *geograficidade.* (RELPH, 1979). E vice-versa.

No exato momento em que escrevo este artigo que, em si, constitui-se como um fragmento poético dentro do projeto de interação *BSB/CWB*, um dos trabalhos em curso está em fase inicial: *A Transposição das águas do São Francisco*. A Manoela ainda não sabe exatamente do que se trata, porque sua aproximação do trabalho está se dando em etapas sucessivas. O objetivo, aqui, é a revelação do espaço, de forma mediada por minhas representações e ações, de modo que ela vá atribuindo ao lugar, um sentido, preferencialmente, *topofílico*. (TUAN, 1983).

Nos dias 27 e 28 de novembro de 2009, sexta-feira e sábado, fui ao Reservatório de Águas Alto São Francisco, na região central de Curitiba, para entrar na câmara dois de armazenamento de água potável, esvaziada para trabalhos de impermeabilização, e aberta pela primeira vez à visitação pública, desde sua inauguração há cem anos. Antes, em outubro do mesmo ano, a câmara um foi esvaziada, com o mesmo objetivo. O Reservatório conta com duas câmaras de armazenamento de água potável, no total. Segundo os responsáveis da Companhia de Saneamento do Paraná – SANEPAR pela visitação pública, estiveram no lugar em outubro e novembro de 2009, nas câmaras um e dois, um número menor do que quinhentos visitantes. Por ter sido uma das poucas pessoas que teve a chance de ter estado lá, me sinto uma privilegiada. Não sendo natural do lugar, conheci um espaço invisível e submerso de Curitiba, desconhecido por muitos curitibanos. Ao fazê-lo, expandi, um pouco mais, o espaço de minha territorialidade, causando acréscimos à minha identidade. Agora, quero apresentá-lo à Manoela.

O Reservatório, que foi inaugurado em 1908, no bairro São Francisco, fez parte do chamado Sistema Carvalho de abastecimento de água de Curitiba, o primeiro do tipo a ligar os mananciais de água da Serra do Mar à cidade.

> Estava tudo caminhando para a conclusão, depois de quatro anos, começava a tomar corpo o tal sistema de abastecimento de água e esgotos. As suas duas partes, localizadas cada uma em um ponto distante, iam se encaixando. Apesar de ainda precisar de ajustes, finalmente, em 1908, a água da Serra chegou a Curitiba. Segundo o relatório de Obras Públicas e Colonização de 1909, "no dia 18 de agosto teve logar, officialmente, a

> inauguração da chegada da água ao reservatório de São Francisco, sendo essa inauguração coroada de bom êxito". Em dezembro do mesmo ano, inauguraram o funcionamento do serviço de esgoto. A imprensa, porém, registrou a inauguração oficial do primeiro sistema de abastecimento de água de Curitiba* no dia 24 de agosto. O evento contou com a presença de ilustres autoridades paranaenses, entre elas, o Presidente do Estado, Francisco Xavier da Silva e membros de seu secretariado, o representante da Empresa de Abastecimento de Água, engenheiro Adriano Goulin e o agora redator do jornal A República e ex-secretário de Obras Públicas do governo de Vicente Machado, em 1904, Chichorro Junior. (CORDEIRO, 2008, p. 175).

Na concepção do título do trabalho, *A Transposição das águas do São Francisco*, a conotação política foi obviamente implicada, pela escolha das palavras. Mas, tratou-se, muito mais, de fazer um jogo de palavras com o fato de terem transposto as águas da câmara dois, para um outro lugar, de modo a esvaziá-la para os trabalhos de impermeabilização, que se somou à coincidência dos nomes do Rio São Francisco e do Reservatório de águas do bairro São Francisco, em Curitiba. Apesar desse fato, e após a sugestão do amigo Rubens Pileggi, talvez seja desenvolvido algum desdobramento que relacione, mais proximamente, os dois lugares. Muitas vezes, nos meus trabalhos poéticos, as relações chegam muito antes de uma racionalização sobre o que elas significam.

O Reservatório Alto São Francisco abastece dezesseis bairros de Curitiba, de forma direta e indireta, beneficiando duzentas mil pessoas. Pude observar que a câmara dois tem seis metros de altura, e a capacidade de armazenar cinco mil metros cúbicos de água. (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Interior da câmara dois de armazenamento de água, Reservatório Alto São Francisco, Curitiba, PR. FONTE: Acervo pessoal, Tânia Bloomfield, 27/11/2009.

Antes de ter entrado na câmara dois, no dia 27 de novembro de 2009, eu tive pouco tempo para preparar algum material que pudesse ser usado dentro do reservatório, para que, de alguma maneira, eu interviesse poeticamente no lugar, nos dois dias em que esteve aberto. Houve, de minha parte, o cuidado na escolha de materiais não tóxicos e efêmeros, para o trabalho de intervenção e de registro do evento. Para a execução das intervenções, levei papéis de pequeno formato, com mensagens dirigidas à Manoela, que foram fotografados, e giz de quadro negro, na cor branca, para inscrições no chão e nas paredes (FIGURA 2). Nos dois dias de visita, foram capturadas muitas imagens do lugar, fotográficas e de vídeo. Ao descer à câmara dois, fui me apropriando do lugar, assim como ele foi se apossando de mim. Ninguém melhor do que o poeta Drummond poderia ter expressado, de forma tão contundente, como no poema *A Suposta Existência*, os questionamentos que o lugar suscitou. (ANDRADE, 2002, p. 21-23).

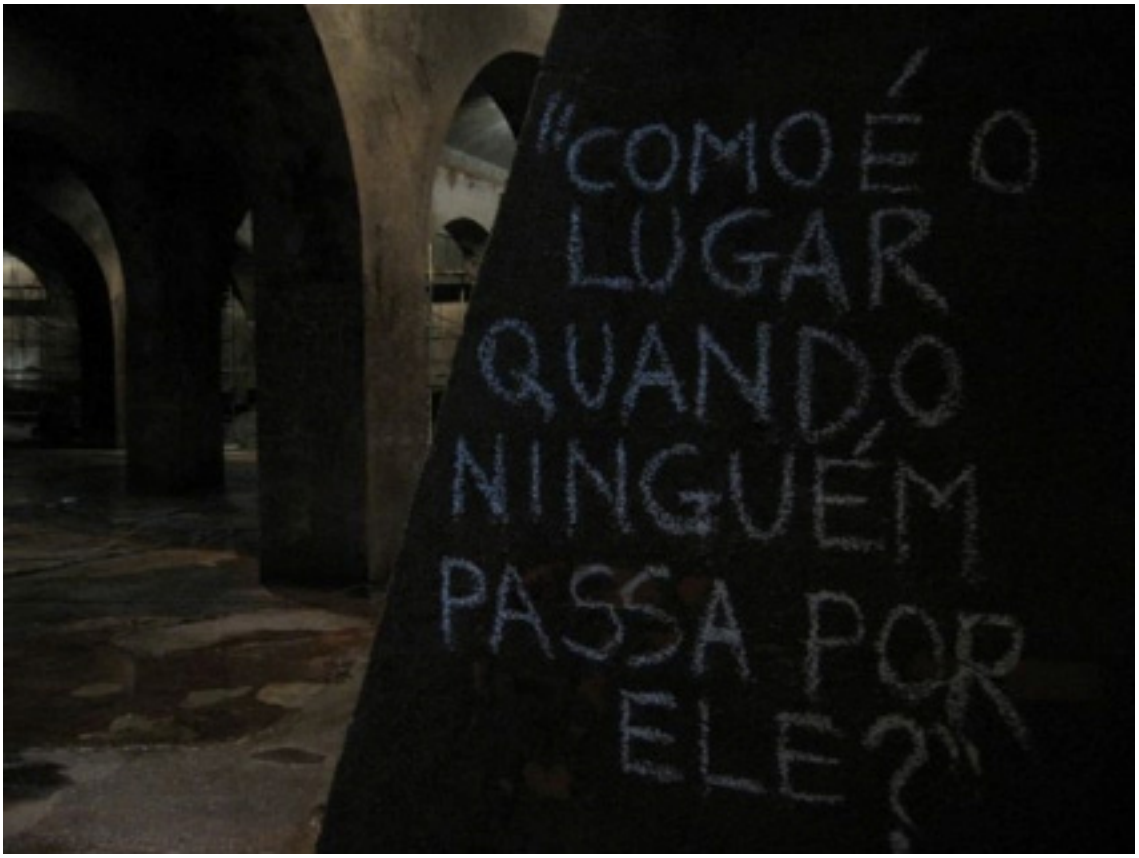

FIGURA 2 – Trecho do poema *A Suposta Existência*, de Carlos Drummond de Andrade, inscrito em uma das paredes internas da câmara dois, do Reservatório Alto São Francisco, Curitiba. FONTE: Acervo pessoal, Tânia Bloomfield, 27/11/2009.

Os instantes fenomenológicos que vivi, estando no lugar, me conduziram a uma quase experiência de epifania. As cores, que iam dos ocres aos vermelhos, dos revestimentos das paredes centenárias – provavelmente causadas pela umidade, pelo depósito de minerais e de micro-organismos – as texturas das paredes, açoitadas pela ondulação de milhares de metros cúbicos de água, a luz e as sombras, o altíssimo pé-direito da construção, as pilastras, os arcos, tudo isto me causou assombro e me transportou para um espaço-tempo diferente do da cidade da superfície. Como um palimpsesto, o lugar estava revestido de sedimentos físicos e históricos. Para muitos que lá estiveram, o lugar os fez lembrar de imagens da arquitetura do antigo Egito, de lugares espectrais como os das catacumbas, das passagens subterrâneas de velhas cidades romanas, dos pés das torres do antigo castelo do Louvre, que hoje ainda podem ser vistos pelos visitantes do museu. Como uma espécie de porta dimensional, o lugar, que foi aberto no ano passado, talvez só possa ser visitado, novamente, daqui a trinta ou cinquenta anos, segundo os funcionários da SANEPAR.

Como não sabia exatamente o que encontraria lá embaixo, dispus-me aberta, de corpo e espírito. Ao adentrar a câmara, surgiu um forte apelo de imagens de mapas. Então, trabalhei com o giz branco, no sentido de dar relevo à cartografia já sugerida pelo próprio lugar, pelas marcas e cicatrizes de sua pele, por seus acidentes geográficos. (FIGURAS 3 e 4).

FIGURA 3 – *Mapa imaginário de uma Curitiba submersa, em um dia memorável.* Inscrição com giz branco, em uma das paredes internas da câmara dois, do Reservatório Alto São Francisco, Curitiba. FONTE: Acervo pessoal, Tânia Bloomfield, 27/11/2009.

FIGURA 4 – *O Estado Molhado é Bom*. Inscrição com giz branco, no perímetro de fragmentos do revestimento do chão da câmara dois, do Reservatório Alto São Francisco, Curitiba. FONTE: Acervo pessoal, Tânia Bloomfield, 27/11/2009.

Nos dias em que estive no Reservatório, além das imagens, também recolhi fragmentos do revestimento que estava se soltando do chão. Recentemente, enviei uma *box-form* para a Manoela, contendo dezesseis vidrinhos com água de Curitiba e uma reprodução de detalhe da figura 4. A sugestão dos mapas ainda é muito forte, para mim. Como um possível desdobramento, imaginei realizar um video poético com o material recolhido. Mas, esperarei a próxima ação da Manoela, com relação ao material que estou lhe dando em doses parcimoniosas, para ver em que direção o nosso projeto de interação nos levará.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A paixão medida.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como história da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas: Papirus, 1994.111 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 110 p.

CORDEIRO, Lorena de Pauli. **Uma História Ambiental dos Mananciais da Serra do Mar:** abastecimento de água para Curitiba (1870 – 1929). 214 p. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, Florianópolis, SC. 2008. CD.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 2. 1ª. Edição, 5ª. Reimpressão: 2008. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 5. 1ª. Edição, 4ª. Reimpressão: 2008. São Paulo: Editora 34, 1997. 235 p.

HAESBAERTH, Rogério. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial. In: ARAÚJO, Frederico G. B. de; HAESBAERTH, Rogério (orgs.). **Identidades e Territórios:** questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007. 136 p. p. 33-56.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e Conferências.** Petrópolis, RJ.: Vozes; Bragança Paulista, SP.: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 102 p.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Olho d'Água, 2000. 142 p.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, SP, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e EspaçoMUNDOS: a semiótica da espacialização na Geografia Cultural. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, 243 p. p. 57-79.

SAHR, Wolf-Dietrich. Ação e EspaçoMUNDOS: a concretização de espacialidades na Geografia Cultural. In: SERPA, Ângelo (org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações.** Salvador: EDUFBA, 2008. 425 p. p. 33-57.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª. edição, 2ª. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2006. 260 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Tânia Bittencourt Bloomfield

Licenciada em História, Universidade de Brasília, e em Educação Artística, UFPR. Pós-graduada no curso de Especialização em História da Arte do Século XX, EMBAP-PR. Mestre em Geografia, UFPR. Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR. Professora do departamento de Artes da UFPR. Artista visual, com exposições realizadas no Brasil e no exterior.